

## **Urban Sketchers - Natal/RN e a cidade através do Desenho.<sup>1</sup>**

Emanoel Aquila Bezerra de Souza - UFRN

*Palavras-chave: Desenho; atenção; cidade*

Refletindo sobre o papel do desenho como linguagem de descrição e apresentação do conhecimento, o presente artigo visa abordar questões referentes ao universo dos Urban Sketchers, movimento internacional que desenvolve encontros para promover o desenho de locação. Serve como situação etnográfica para esta pesquisa o “I Encontro Regional Norte e Nordeste/Brasil: Patrimônio Cultural e Ambiental”, que aconteceu na cidade de Natal/RN, entre os dias 31 de Maio a 02 de Junho de 2019, e estive em três bairros distintos da capital potiguar. Iniciando no bairro da Ribeira, dia 31; no sábado percorremos as ruas da Cidade Alta e visitamos o Forte do Reis Magos; no domingo, as atividades se concentraram na praia de Ponta Negra e o encerramento do evento foi na Vila de Ponta Negra.

Entre as questões aqui apresentadas, analisaremos como a dinâmica do desenho de locação revelam traços das relações dos urban sketchers, entre os mais experientes e os mais inexperientes; também observaremos como a relação desses dois níveis de sketchers apresentam “dispositivos” que caracterizam o movimento dos Usk, para isso seguiremos a referência de Karina Kuschnir (2012); além disso, se destacam as maneiras como os desenhadores constroem sua percepção sobre aspectos contidos na paisagem urbana, abordaremos a educação da atenção (INGOLD, 2001).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

## Introdução

Em *Desenhando Cidades* (2012), Karina Kuschnir nos apresenta o movimento Urban Sketchers que naquele momento ainda estava iniciando suas atuações no Brasil. A autora, portanto, essa foi primeira a proposta de uma etnografia sobre o movimento no Brasil, seu campo foi a cidade do Rio de Janeiro. Por meio deste artigo, compreendemos que se trata de um movimento internacional, que surgiu a partir do grupo no site Flickr, em 2007, voltado ao compartilhamento de desenhos, criado pelo ilustrador e jornalista Gabriel Campanário, espanhol radicado nos EUA.

Após um ano da criação do grupo no Flickr, surgiu o blog sobre o USK, e desde então o movimento foi agregando vários outros integrantes que foram produzindo blogs e coletivos em vários outros locais, espalhando os ideais e estratégias do movimento pelo mundo. A dinâmica do movimento basicamente é promover encontros em espaços públicos (praças, bairros, ruas históricas, etc.) para que os participantes produzam “desenhos de locação”<sup>2</sup> sobre determinada paisagem urbana.

Segundo livro da série Urban Sketchers do Brasil, edição de São Paulo (2020), o movimento é inserido no país por iniciativa de Eduardo Bajzek, João Pinheiro e Juliana Russo, na cidade de São Paulo em Novembro de 2011, após a participação no II Simpósio de Urban Sketching 2011 - Lisboa.

O artigo aqui apresentado reúne algumas informações<sup>3</sup> sobre os Urban Sketcher ou USK<sup>4</sup>, na cidade de Natal/RN. O grupo natalense iniciou sua atuação no ano de 2013, quando o professor do Departamento de Arquitetura (DARQ) da UFRN, José Clewton, foi convidado pelo fundador do USK Brasil a criar o coletivo local.

Em Natal vêm se estabelecendo uma parceria entre o coletivo e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, através de projetos de extensão, tais como o “Ribeira Desenhada” (2018), e o mais recente “Cidade Alta Desenhada” (2019), coordenados por José Clewton, Eunádia Cavalcanti, Petterson Dantas e André Alves.

---

<sup>2</sup> O termo “desenho de locação” é extraído aqui do próprio blog do USK Brasil.

<sup>3</sup> Essas informações estão sendo coletadas para o desenvolvimento da dissertação “O olhar sobre a cidade através do desenho e o grupo urban sketchers natal/rn”, realizado para pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS), pesquisador pelo Núcleo de Antropologia Visual (NAVIS).

<sup>4</sup> Usk é uma abreviação utilizada pelo próprio movimento dos Urban Sketchers e serve como denominação para identificar os coletivos, como por exemplo, Usk Natal/RN.

Na notícia que marca o encontro de número cinquenta<sup>5</sup>, André Alves fala sobre a atuação do grupo: “desenhamos as cidades do Rio Grande do Norte e os bairros da capital, um desenho por vez”. Para ele, todos os encontros são “momentos presenciais marcantes”. Para ele, é quando praticam a percepção dos espaços urbanos e dos edifícios arquitetônicos, a partir do desenho de observação e locação. Durante a pesquisa de campo isso ocorreu tanto em bairros no centro, zona leste da cidade e em algumas comunidades periféricas.

O perfil dos integrantes no coletivo potiguar, em sua maioria, é de arquitetos ou estudantes universitários do curso de arquitetura, entretanto, também existem sketchers de outras áreas, como: artes, design, produção cultural, psicologia, etc. De forma geral, a proposta é incluir qualquer pessoa interessada em praticar o “desenho de locação” .

O integrantes deste movimento defendem que a prática do desenho é algo possível para qualquer pessoa, basta que ela se permita. Esta reflexão está alinhada a proposta de aproximar a prática do desenho as pesquisas em Antropologia, propostas em Aina Azevedo (2016). A autora propõe que o exercício do desenho ao longo da pesquisa, seja na etapa de registro, na produção ou na apresentação da informação, é algo possível para qualquer pesquisador. Se o desenho no trabalho de campo não ocorre, pode ser devido a determinado distanciamento que a própria Antropologia seguiu ao longo do século XX. Desta forma, o presente artigo tem dupla função: apresentar este universo de desenhadores urbanos em uma de suas dimensões locais; e, contribui para refletir sobre o debate do desenho enquanto ferramenta de pesquisa na Antropologia.

Se trata aqui de um estudo etnográfico acompanhando o “I Encontro Regional Norte e Nordeste/Brasil: Patrimônio Cultural e Ambiental” que ocorreram na cidade de Natal/RN. Nesta situação, será tratada a forma como se deu o envolvimento entre o pesquisador e a prática dos interlocutores, observando e aprendendo sobre o desenho de locação. Além disso, um dos métodos de participação e envolvimento na pesquisa foi praticar o desenho de locação junto aos interlocutores.

Por fim, reitero algumas reflexões antropológicas já elaboradas por outros autores sobre os Urban Sketchers e suas práticas (CARNEIRO, 2011; KUSCHNIR, 2012). Em seguida, estabeleço relações entre a educação da atenção (INGOLD, 2001) e o processo de interação entre os desenhadores ao longo da pesquisa de campo.

---

<sup>5</sup> Ver <http://brasil.urbansketchers.org/2018/05/usk-natal-numero-50.html> visitado às 16h57minhrs, 14/10/2018.

## I Encontro Regional Norte e Nordeste/Brasil: Patrimônio Cultural e Ambiental

O “I Encontro Regional Norte e Nordeste/Brasil: Patrimônio Cultural e Ambiental”, aconteceu na cidade de Natal/RN, entre os dias 31 de Maio a 02 de Junho de 2019, e esteve em três bairros distintos da capital potiguar. Iniciando na boêmia Ribeira, às 16 horas da sexta, dia 31; no sábado pela manhã, percorreu as ruas da Cidade Alta e pela tarde, visitou o Forte do Reis Magos; no domingo, as atividades se concentraram na praia de Ponta Negra e na Vila de Ponta Negra.



Figura 1: Folder que compôs o kit recebido pelos inscritos no evento.

Ao longo de todo o evento, foi possível acompanhar algumas das atividades. Encontrei o grupo pela primeira vez na praça Padre João Maria, localizada no bairro da Cidade Alta, era um sábado no período da manhã. Na ocasião pude observar os desenhadores

em suas atividades. E logo de imediato me sentei em um local da praça, a sombra de uma árvore e iniciei meu primeiro sketcher.



Figura 2: Foto tirada na ocasião do encontro, na Praça Padre João Maria, Cidade Alta. Urban Sketchers desenhando.



Figura 3: Foto tirada durante o encontro, na Praça Padre João Maria, Cidade Alta. Urban Sketchers desenhando.

Participar da dinâmica coletiva, que muito me envolveu, fez perceber algumas aspectos de como os urban sketchers se sentem, parar em meio a cidade com seus fluxos constantes, para observar detalhes na paisagem, é uma maneira de quebrar com o ritmo mais agitado do bairro da Cidade Alta, conhecido por ser um centro comercial bem ativo.

Segundo Carneiro (2011), a prática do desenho de locação promove certa resistência ao instante, uma certa “recusa do instantâneo”, nela a passagem do tempo escapa a todo momento, através do registro desenhado como qualquer coisa detentora de uma experiência temporal de uma multiplicidade de momentos constituídos ao longo da experiência que examina o olhar e analisa um determinado modo de percepção visual através da prática de desenhar.



Figura 4: Nesta ilustração, edifício localizado nas imediações da Praça Padre João Maria - Cidade Alta Natal – RN. Técnica: lapiseira 0,7 sobre folha de papel ofício A4 (420 mm x 594 mm), 90 g/m<sup>2</sup>.

Parar e olhar para a paisagem urbana, ouvir as conversas em volta, perceber os gestos dos outros urban sketchers, é uma possibilidade de educar a atenção a detalhes que durante os fluxos do cotidiano pouco se pode observar. Um olhar arquitetural, que enxerga as grandes estruturas na paisagem, mas também uma percepção social que compreende a dinâmica do ambiente.

Já neste primeiro momento do encontro com os Urban Sketchers, observei etapas da dinâmica que se desenvolve dentro dos eventos. Primeiro se dedica um tempo para que cada integrante realize seus desenhos sobre a paisagem urbana; em seguida, assim que o sketcher termina sua ilustração, ele se dirige a um ponto de referência onde os coordenadores dispõem um carimbo com a marca do evento, este é um “dispositivo” que certifica o desenho como participante da dinâmica; o terceiro momento, após todos terminarem seus desenhos, é quando ocorre a “exposichão”, os desenhos são colocados sobre alguma parte da calçada e todos observam a variedades de resultados que foram produzidos.



Figura 5: Foto tirada na ocasião do encontro, na Praça Padre João Maria, Cidade Alta. Momento da Exposichão.

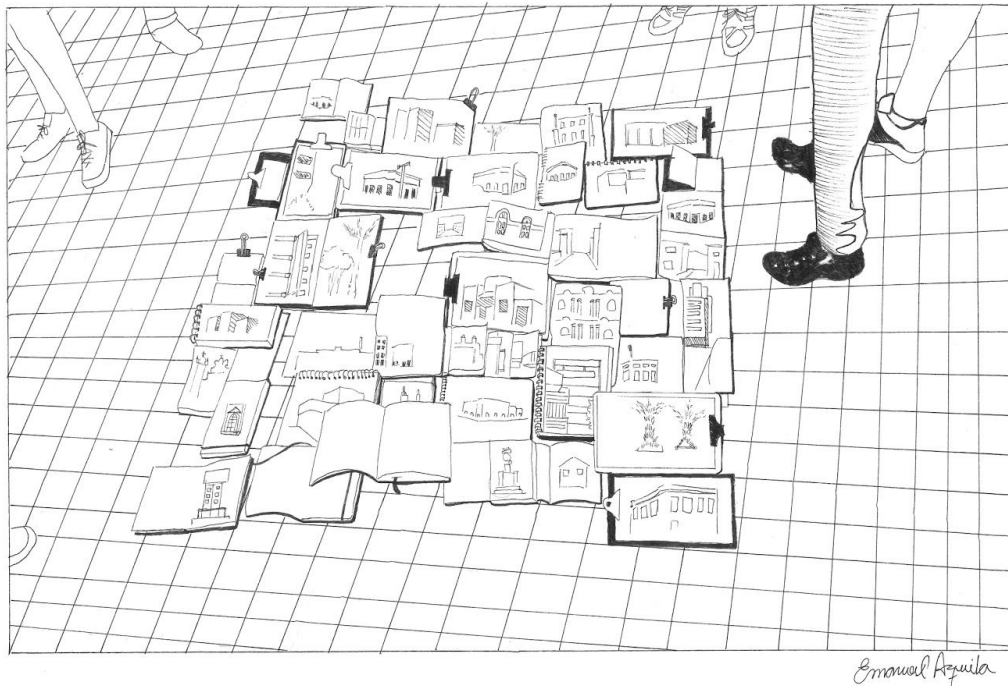


Figura 6: Meta Desenho onde ilustrou-se desenhos produzidos pelos USK, dispostos sobre o chão da Praça Padre João Maria - Cidade Alta Natal – RN. Técnica: lapiseira 0,7; caneta nanquim uni pin 0.1 e caneta nanquim uni pin Brush; sobre folha de papel Canson A3 (297 mm x 420 mm), 180 g/m2.

A exposição é um momento muito rico para reflexões antropológicas, podemos observar como mesmo diante de uma mesma paisagem urbana, orientados pelo mesmo ideal, ainda assim os resultados são diversos. Para Teresa Carneiro (2011)<sup>6</sup>, as diversas maneiras de desenhar, deste universo de desenhadores urbanos, revela qualquer coisa de autobiográfico sobre aquele que desenha e sobre as condições de produtividade e operatividade da circunstância específica em que cada desenho foi realizado. Para a autora, “quem desenha, desenha-se simultaneamente a desenhar, ou pelo menos desenha-se a desenhar seu olhar sobre o mundo”(CARNEIRO, 2011).

Por fim, o último momento dos encontros é quando após a “exposichão”, eles realizam sorteios de materiais que podem ser de nível amador ou profissional. Neste momento eles contam com o patrocínio de editoras e livrarias que os cedem esses materiais.

<sup>6</sup> Esta e as demais citações de Teresa Carneiro estão em seu texto “Desenhar o olhar sobre o mundo”, publicado em Salavisa (2011).



Refletir sobre os materiais utilizados, ou desejados, pelos integrantes é pensar quais “dispositivos” determinam o valor simbólico de cada marca e de cada produto que está em jogo.

Os desenhos dos urban sketchers, do mesmo modo, não são “simplesmente” desenhos: são “enformados” por uma certa “visão de mundo” e constituem em si mesmo um “mundo da arte”, nos termos de Becker (1982). Há delimitações do lugar de quem vê (on location), do uso da observação direta (por contraste com o desenho de memória), da busca por uma narrativa (contar uma história a partir do mundo observado) e da oferta de um contexto (do tempo e do local). Há uma base moral (ser truthful, fiel àquilo que se observa) e uma filosófica (“Mostrar o mundo, desenho a desenho” poderia ser comparado ao dito chinês: “A jornada de mil milhas começa com um passo”). Há um respeito à diversidade e aos estilos individuais, bem como um princípio de não distinção entre artista e não-artista, implícito na defesa do caderno (e não da galeria de arte) e da sua identidade coletiva e não comercial (apoiamo-nos uns nos outros, desenhamos em grupo e compartilhamos nossos desenhos online). (KUSCHNIR, 2012. Pg. 301)

Desta maneira, argumento que, além dos tipos de dispositivos apresentados pela Kuschnir(2012), o desejo pelos materiais que são mais valorizados dentro da cultura dos Usk também serve como exemplo a esta categoria.

A outra atividade que ocorreu no sábado, dia 01, foi no Forte dos Reis Magos, das 14hrs até 17hrs, com saída e a volta da Cidade Alta, em ônibus fretado. Antes de entrar no Forte dos Reis Magos, os coordenadores informaram que o espaço interno estava passando por reformas, por isso foi criada uma ordem de divisão de grupos para entrar e desenhar.

Nesta divisão entre os grupos, fiquei junto aos que entraram em segundo, na impossibilidade de desenhar o Forte por dentro os desenhadores passaram a realizar desenhos sobre pontos diferentes da paisagem. Enquanto uns estavam lá dentro os outros sentavam na sombra do Forte e realizavam desenhos sobre a perspectiva voltada para a cidade.



Figura 9: Foto registra Forte dos Reis Magos, Natal/RN, vista do calçadão que leva até o Forte.

Ou seja, a localização do patrimônio que visitávamos, situada adentrando o mar, envolta pelas águas da Praia do Forte, por um lado, e por outro lado pelo Rio Potengi, possibilita uma visão privilegiada sobre os edifícios da Zona Leste da cidade. Desta forma, sentei ao lado dos participantes do evento e realizei meu desenho sobre a cidade vista ao longe.

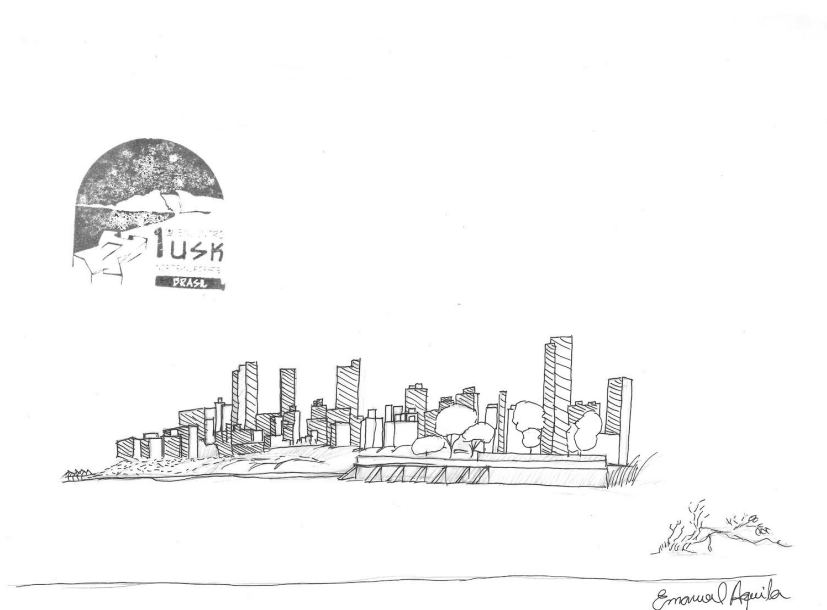


Figura 10: Perspectiva do litoral da praia de santos reis, vista do Forte dos Reis Magos, praia do forte, Natal – RN. Técnica: lapiseira 0,7 sobre folha de papel ofício A4 (420 mm x 594 mm), 90 g/m<sup>2</sup>.

Se estivesse em uma visita turística ao Forte, muito provavelmente me escaparia um olhar mais atento e calmo sobre a cidade, vista ao longe. A atenção que busca olhar para a arquitetura na paisagem urbana, permite que os Urban Sketchers estejam sempre buscando ângulos e situações favoráveis para realizar suas ilustrações e a dinâmica coletiva os motiva a sempre aproveitar os momentos livres para desenhar.



Figura 11: Metadesenho ilustrando Sketcher produzindo desenho sobre o Forte dos Reis Magos, praia do forte, Natal – RN. Técnica: lapiseira 0,7; caneta nanquim uni pin 0.1 e caneta nanquim uni pin Brush; sobre folha de papel Canson A3 (297 mm x 420 mm), 180 g/m<sup>2</sup>.

Na figura 11, busquei retratar um sketcher em sua atividade, desenhando o Forte dos Reis Magos. Se tratava de um horário onde o sol estava no ápice do céu, o incômodo da insolação fez com que os outros sketchers fossem procurar uma sombra no Forte. Entretanto, essa desenhadora se pôs diante do Forte, no ângulo que mais lhe fez sentido desenhar e mesmo abaixo de um sol irradiante, desenhando a paisagem por alguns minutos.

Essas duas últimas situações relatadas no Forte, sobre a qual desenhei a cidade e a desenhadora, evidenciam que as construções do olhar sobre a cidade, para um desenhador urbano, cria possibilidades de desenhar algum elemento na paisagem urbana sempre que houver um momento livre.

Quando nos foi permitido a entrada no forte, recebemos capacetes de proteção individual, para evitar algum acidente, lá dentro haviam tendas armadas e partes dos

corredores internos destelhadas. Os sketchers se espalharam pelos espaços, na intenção de participar mais uma vez da dinâmica, subi as escadas que levam para a parte superior e realizei um desenho em uma perspectiva frontal a torre central no pátio interno.

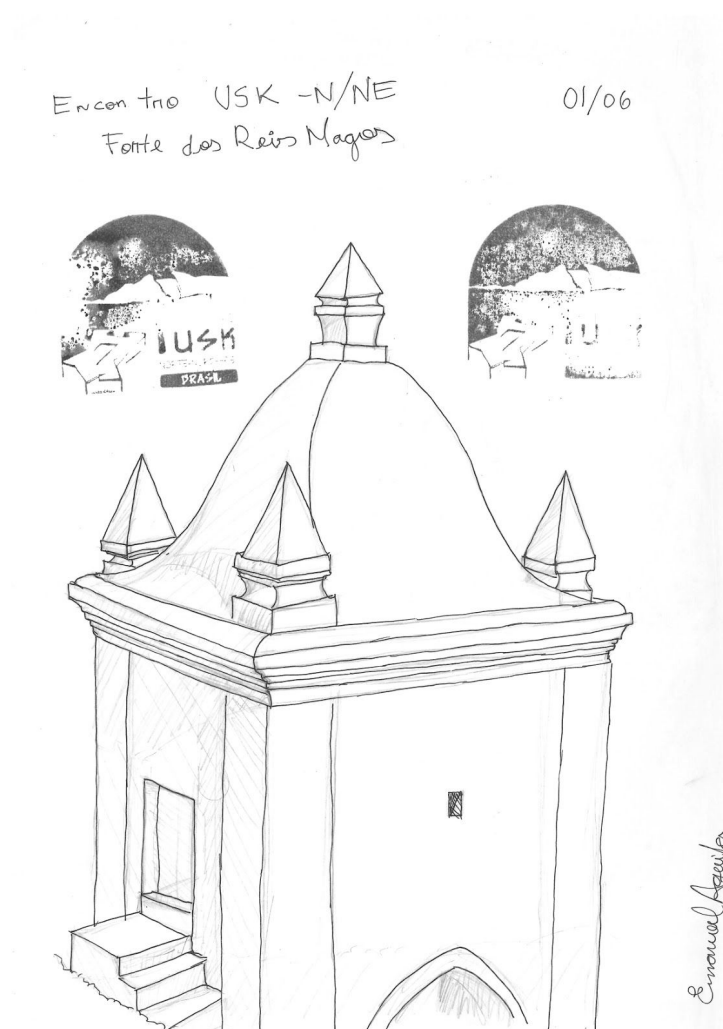


Figura 7: Ilustração sobre a torre central no Forte dos Reis Magos, praia do forte, Natal – RN. Técnica: lapiseira 0,7 sobre folha de papel ofício A4 (420 mm x 594 mm), 90 g/m<sup>2</sup>.

Só pude realizar um desenho lá dentro, isso evidenciou algumas coisas relacionadas a quem está iniciando no desenho de observação. O tempo que um iniciante como eu demora para realizar um desenho, pode ser muito maior que os experientes desenhadores, dentro da dinâmica dos encontros do Usk, muitas vezes o iniciante ficará para trás, pois, realizar um desenho de locação é algo que exige calma, mas também requisita precisão nos traços. Se o

iniciante ficar utilizando a borracha para corrigir erros o tempo será pouco para acompanhar os habilidosos desenhadores mais experientes.

Além disso, outro erro que cometi, foi relacionado a minha pouca familiaridade com os carimbos, que me fez tentar por duas vezes aplicar a marca do evento, no desenho da figura 7, sem sucesso.

Ainda dentro do Forte, conversei com uma das coordenadoras do coletivo potiguar. Me chamou a atenção como ela, conseguem realizar desenhos muito rapidamente, aplicando cores e texturas com técnicas mistas, entre caneta nankin, aquarela e marcadores. Um de seus “dispositivos” é se dedicar a realizar desenhos com o foco em detalhes arquitetônicos, enquanto a maioria busca uma representação dos edifícios inteiros, ela desenha ornamentos, janelas, etc. Isso demonstra que, apesar de estarem unidos em um mesmo movimento, cada um possui a liberdade de representar a paisagem urbana da maneira como mais lhe interessa.

Outro aspecto que chamou a atenção, foi a participação de uma dos fundadores do movimento Urban Sketcher no Brasil, que antes do evento começar, já estava sendo anunciada no grupo de whats app, feito para os inscritos no evento. Esse personagem é muito simbólico, pois representa uma etapa importante para o movimento no país, e, portanto, sua presença em Natal provocou a admiração de todos os outros participantes durante o evento.



Figura 8: Foto registra desenho do sketcher, um dos fundadores do movimento Urban Sketcher Brasil, durante a exposição no Forte dos Reis Magos.

A participação desse integrante renomado, se destacou não apenas pela sua história, mas também por sua qualidade técnica em realizar ilustrações em aquarela de maneira rápida e precisa, com uma capacidade de imprimir um impacto visual muito interessante. Houve momentos em que outros sketches não realizaram desenhos, apenas o observavam desenhar, talvez na tentativa de absorver macetes de técnicas, ou talvez admirar a maneira como ele realizava suas ilustrações. Na figura 8, o desenho desse ilustre personagem está ao lado dos outros desenho compondo a exposichão que encerrou as atividades naquele segundo dia de evento.

No dia 02 de Junho, às atividades ocorreram na região sul da cidade, mais precisamente na praia de Ponta Negra, pela manhã, das 09 hrs até 11 hrs, os sketchers desenharam um dos cartões postais da cidade, o Morro do Careca. Durante a tarde o encontro se deu na Tapiocaria da Vó<sup>7</sup>, na Vila de Ponta Negra, das 15hrs até umas 18 hrs. O objetivo para se reunirem neste local foi, a princípio, a localização em frente Paróquia São João Batista<sup>8</sup>, no bairro conhecido por ser local de morada dos pescadores de Ponta Negra.



Figura 12: Foto da Paróquia São João Batista, Vila de Ponta Negra, Natal/RN.

---

<sup>7</sup> Rua Manuel Coringa de Lemos, 484 - Vila de Ponta Negra, Natal - RN, 59090-180.

<sup>8</sup> Paróquia de São João Batista – Vila de Ponta Negra – Natal. Rua Manoel Coringa de Lemos, 441, Vila de Ponta Negra, NATAL/RN - 59090-190.

Ao chegar, observei que os sketchers já estavam desenhando a paróquia, me aproximei dos que eu havia conhecido durante o evento e logo iniciei o meu esboço. Entretanto, como eles já estavam na metade do desenho, e estavam cansados pelo decorrer do evento, logo terminaram de desenhar e foram para a Tapiocaria da Vó. Ainda tentei permanecer desenhando por um tempo, mas como minhas habilidades para desenhar algo tão complexo, que envolve muitos detalhes de perspectiva, não permitiu que eu pudesse acompanhar os desenhadores, que quando eu ainda estava na metade do desenho todos já haviam terminado e estavam carimbando seus desenhos para colocar na calçada da paróquia e realiza a exposichão.

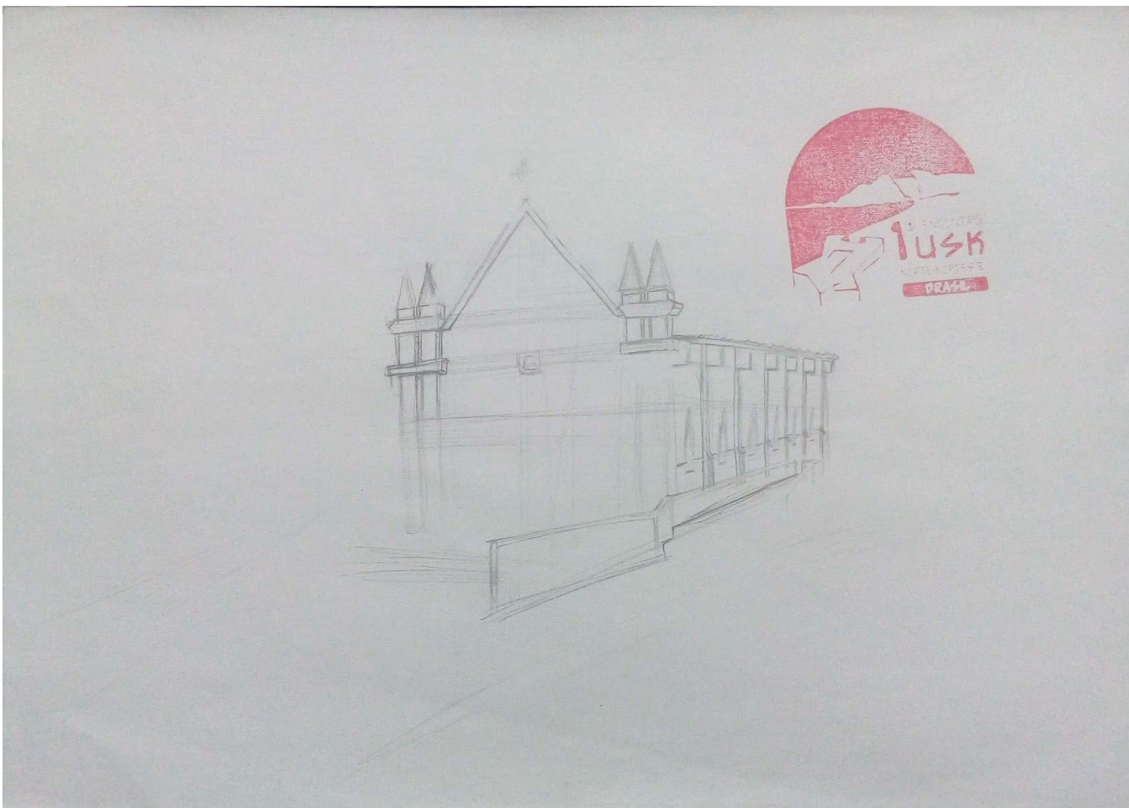


Figura 13: Desenho inacabado da Paróquia São João Batista, Vila de Ponta Negra, Natal/RN.

Técnica: Lápis grafite sobre folha de papel ofício A4 (420 mm x 594 mm), 90 g/m<sup>2</sup>.

Optei então por deixar o desenho inacabado, houve a possibilidade de concluir em casa , de maneira mais calma, com o auxílio de fotografias, e assim muitos dos sketchers iniciantes o fazem, mas o apresento na figura 13 dessa forma, inacabada, pois serve como dado de análise sobre a inexperiência do pesquisador em acompanhar os indivíduos no

campo, durante a pesquisa. O uso da cor vermelha no carimbo, foi apenas pela facilidade em se aplicar a pigmentação, uma vez que a almofada do carimbo preto estava muito seca.

Após este momento, fui até a Tapiocaria da Vó, é um restaurante que dispõe de mesas pela calçada e faz com que seus clientes, assim como os desenhadores na ocasião, fiquem dispostos pela área externa do ambiente.



Figura 14: Foto retirada da rua em direção a Tapiocaria da Vó. Em primeiro plano, alguns sketchers esperando o momento do sorteio dos materiais e o encerramento do evento.

Após carimbar meu desenho sobre a paróquia, passei a observar o movimento dos Sketchers pela tapiocaria, a maioria estava comemorando o sucesso do evento. Ainda influenciado pela proposta do evento, decidi realizar um último desenho, percebi que alguns sketchers estavam retratando as senhoras que realizavam a tradicional renda de Bilro. Mais uma vez, guiando minha atenção para o que os desenhadores estavam desenhando iniciei mais um rápido esboço.

Estas senhoras são consideradas um traço cultural da Vila de Ponta Negra, atualmente constituem uma associação e, em sua página no Facebook, propõem “potencializar revitalização, conhecimento e preservação da renda e rendeiras de Bilro como patrimônio



cultural imaterial local”<sup>9</sup>. Desta forma, se evidenciou um segundo tipo de património que os Urban Sketcher consideram como riqueza da cidade.



Figura 14: Desenho sobre uma das senhoras que representam as rendeiras da Vila de Ponta Negra.  
Técnica: Lápis grafite sobre folha de papel ofício A4 (420 mm x 594 mm), 90 g/m2.

Por se tratar de um movimento que reúne em sua maioria arquitetos, poderíamos deduzir que eles têm sua atenção exclusivamente voltada ao património material. Entretanto, o património imaterial, também gera interesse nos sketchers. A escolha pelo encerramento do evento na Tapiocaria da Vó, revela não apenas a proximidade com a paróquia, mas também representa uma busca pela aproximação com expressões culturais da cidade que estão na periferia. Local de resistências e permanências, que contam outras narrativas e histórias sobre a cidade, longe do centro histórico da cidade.

<sup>9</sup> <https://www.facebook.com/rendeirasdavila/> Visitado em : 26 de Outubro de 2020, às 19:46 hrs.

## Conclusão

Em Tim Ingold (2001), é apresentada uma abordagem sobre a educação da atenção, onde se discute o papel da experiência e o da transmissão geracional nos modos pelos quais os seres humanos conhecem e participam da cultura. Questiona o pressuposto da ciência cognitiva de que o conhecimento existe principalmente na forma de ‘conteúdo mental’ que é passado de geração em geração, e que a cultura é a herança que uma população recebe de seus antepassados.

Para o autor a transmissão através da educação da atenção ocorre por um processo de assimilação e cópia, portanto, primeiro recebemos as informações e em seguida observamos e absorvemos outros indivíduos mais experientes realizarem a atividade que está sendo ensinada, e, por fim, executamos a atividade através de um processo de intuição e cópia.

Copiar não é fazer transcrição automática de conteúdo mental de uma cabeça para outra, mas é, em vez disso, uma questão de seguir o que as outras pessoas fazem. O iniciante olha, sente ou ouve os movimentos do especialista e procura, através de tentativas repetidas, igualar seus próprios movimentos corporais àqueles de sua atenção, a fim de alcançar o tipo de ajuste rítmico de percepção e ação que está na essência do desempenho fluente. (GATEWOOD, 1985, apud INGOLD, 2001).

Segundo Merleau-Ponty, nós não copiamos tanto outras pessoas quanto copiamos suas ações, e ‘encontramos outros no ponto de origem dessas ações’ (1964, p. 117). Merleau-Ponty afirma que o conhecimento depende fundamentalmente da imersão dos sujeitos na tessitura dos fenômenos do mundo. E este argumento é fundamental para a abordagem de Ingold, que afirma:

Este copiar, como já mostrei, é um processo não de transmissão de informação, mas de redescobrimto dirigido. Como tal, ele envolve um misto de imitação e improvisação: isto pode ser mais bem compreendido, na verdade, como as duas faces de uma mesma moeda. Copiar é imitativo, na medida em que ocorre sob orientação; é improvisar, na medida em que o conhecimento que gera é conhecimento que os iniciantes descobrem por si mesmos. (INGOLD, 2000)

A forma como é assumida nossa percepção do mundo, guiada como é pelas especificidades, orientações, disposições e sensibilidades que adquirimos por termos tido

coisas apontadas ou mostradas a nós no curso de nossa educação sensorial, é, segundo Ingold o que dá forma ao sentimento humano.

Ao ouvir a narrativa sobre a cidade através da arquitetura histórica e ao observar os mais experientes, absorvendo os dispositivos sobre materiais e modos de se fazer, sketchers iniciantes passam a praticar o desenho de locação, intuitivamente copiando e aprendendo como devem guiar sua atenção na construção do olhar sobre a paisagem. Desta maneira a dinâmica que envolve os encontros dos Urban Sketchers, apresenta uma educação da atenção, o ouvir, sentir e desenhar os faz absorver as informações sobre a cidade de uma maneira mais intimista.

Nesta perspectiva a cognição é um processo em tempo real. É neste sentido que, Ingold (2001), evidencia uma contribuição das gerações passadas para as seguintes, que não se dá pela entrega de um conjunto de informação que adquiriu autonomia em relação ao mundo da vida e da experiência, mas pela criação, por meio de suas atividades, de contextos ambientais dentro dos quais as gerações presentes desenvolvem suas próprias habilidades.

A educação da atenção entre os Urban Sketchers, sobre a paisagem urbana ocorre para além da fala dos instrutores sobre a história do patrimônio material. Em suas praticas existem ações que devem ser transmitidas pelos mais experientes para os mais inexperientes, como os pontos da paisagem que são mais interessantes para contar a história da cidade através do desenho, quais materiais são mais eficientes na produção das imagens, além de outras ferramentas que podem auxiliar na proteção do desenhador em meio ao percalços do ambiente urbano (coisas para proteger do sol, água para hidratação, etc.).

Entretanto, é muito comum os mais novos neste universo acompanharem os mais experientes, quando esses estão desenhando, e isso ocorre de variadas maneiras. Há momentos em que ficam, lado a lado, desenhando juntos, neste caso os mais antigos escolhem um ângulo para captar a paisagem e os mais novos o acompanham em sua escolha. Mas também pode ocorrer dos mais novos apenas observarem o mais antigo desenhar, analisando como se constrói a imagem desenhada, quais técnicas e materiais ele utiliza.

Portanto, a educação da atenção, nas práticas intersubjetivas dos sketchers, que se revelam em seus desenhos sobre a cidade, mas também em sua atuação política, representa um modo de habitar a cidade e cuidar do patrimônio material e imaterial, muitas vezes ameaçado pelo esquecimento das outras partes da sociedade.

## Referencial Bibliográfico

AZEVEDO, Aina . **Desenho e antropologia: recuperação histórica e momento atual.** Cadernos de Arte e Antropologia , v. 5, p. 15-32, 2016.

INGOLD, T. **From the transmission of representations to the education of attention.** In: WHITEHOUSE, H. (Ed.), The debated mind: evolutionary psychology versus ethnography. Oxford: Berg, 2001. p. 113-153.

KUSCHNIR, Karina . **Desenhando cidades.** In: Sociologia E Antropologia, v. 02, p. 295-314, 2012.

MERIEAU-PONTY, M. **The primacy of perception and other essays on phenomenological psychology.** In: EDIE, J. M. (Ed.). The philosophy of art, history and politics. Evanston, Ill.: Northwestern University Press, 1964.

SALAVISA, Eduardo (org.). **Diários gráficos em Almada – “Não somos desenhadores perfeitos”.** Almada: Câmara Municipal/Museu da Cidade, 2011.

TAYLOR, Simon (Org.). **Os urban sketchers do brasil: Urban Sketchers São Paulo.** Os Urban Sketchers do Brasil, SP, v. 15. Ctrl S Comunicação. Blog Usk Brasil, 2020. Disponível em: <http://brasil.urbansketchers.org/p/livros-sketchers-do-brasil.html>. Acesso em: 26 de Outubro de 2020, às 20:27 hrs.